

10, 11 e 12 de novembro de 2025

POLITÉCNICO DO PORTO / ISCAP
PORTO - PORTUGAL

Governança de conhecimento periférico como resistência epistêmica

Letícia Vitoria Rodrigues Lima de Souza, IBICT/UFRJ, 0009-0009-9821-2901, Brasil,
leticiavrlsouza@gmail.com

Eixo: Gênero, Pós-Colonialismo e Multiculturalidade

1 Introdução

O presente trabalho busca analisar o Dicionário de Favelas Marielle Franco, plataforma digital brasileira que procurar reunir conhecimentos, memórias e acervos de pessoas de favelas e periferias, e sua atuação como espaço de resistência diante ao epistemicídio produzido pelo processo colonizador de apagamento e dominação de certos grupos e classes sociais. O Dicionário propõe a exaltação de conhecimento constantemente inviabilizado e deixado à margem, além disso tem como um de seus objetivos pregar por utilização de software livre, soberania técnica e colaboração aberta. A plataforma propõe não apenas o registro de memórias e narrativas faveladas, mas a construção de uma infraestrutura de produção e governança de conhecimento operada pelos próprios sujeitos periféricos.

A produção de conhecimento científico e tecnológico no mundo contemporâneo segue atravessada por marcas profundas da colonialidade. Apesar das promessas modernas de universalidade e neutralidade, a ciência ainda opera com uma lógica excludente que deslegitima saberes não alinhados aos à hegemonia epistêmica do norte global. No contexto latino-americano e, em especial, no Brasil, essa exclusão incide com força particular sobre os conhecimentos produzidos por populações periféricas, negras, indígenas e faveladas.

A escolha pelo uso de softwares livres e de um formato colaborativo revela uma dimensão tecnopolítica do Dicionário: trata-se de reapropriar a tecnologia para fins

emancipatórios. A participação heterogênea e a horizontalidade editorial expressam um modelo de governança do conhecimento periférico, em oposição aos sistemas centralizadores da ciência hegemônica.

A conexão entre tecnologia e política do saber não é recente, mas se intensifica na contemporaneidade com a atuação do que estudiosos como Nick Couldry e Ulises Mejias, denominam colonialismo de dados (2021). O conceito se trata da apropriação dos meios comunicacionais tecnológicos por grandes corporações transnacionais, que mediam modos de vida em função de interesses econômicos, militares e geopolíticos. Essa lógica impõe uma infraestrutura tecnossocial global baseada na assimetria de poder, na opacidade dos processos e na alienação técnica - entendida, como propõe Silveira (2021), como a exclusão consciente de populações inteiras dos processos de desenvolvimento, domínio e apropriação das tecnologias que moldam seu cotidiano. A resposta a esse modelo não pode se limitar à inclusão digital ou à mera presença nos ambientes digitais; ela precisa envolver uma disputa pela autonomia técnica, pela reapropriação da infraestrutura e pelo controle das formas de produção, circulação e validação dos saberes.

É nesse ponto que o Dicionário de Favelas Marielle Franco se insere como iniciativa estratégica na utilização de uma arquitetura baseada em software livre, assim, recusando a lógica mercantil regente de boa parte dos serviços online, reafirmando o compromisso de utilizar a tecnologia como ferramenta de emancipação. Mais do que disponibilizar

conteúdo, o Dicionário propõe uma forma de fazer, um modelo de gestão e um regime de informação alternativo, fundado na participação, na transparência e na colaboração. Como defendem Albagli e Maciel (2011), as infraestruturas digitais não são neutras: elas moldam possibilidades de ação, formas de articulação e práticas sociais. Quando projetadas a partir de lógicas de poder descentralizadas e valores de justiça social, tornam-se também artefatos políticos capazes de sustentar práticas contra-hegemônicas.

A aposta em uma infraestrutura informacional livre e aberta, porém, não se restringe à técnica. Ela se conecta também a um projeto político e epistemológico de valorização das experiências, memórias e conhecimentos produzidos nas favelas. A plataforma não se limita a documentar e organizar, ela procura auxiliar as comunidades periféricas na autoridade sobre suas próprias narrativas, instaurando um processo de construção do saber no qual a favela não é mais objeto e sim objeto, mas sujeito.

O reconhecimento da diferença não pode ser apenas retórico ou multicultural; ele precisa se expressar em mecanismos concretos de redistribuição de poder, inclusive no plano cognitivo (Tavares, Gomes, 2012). Como aponta Mignolo (2003), a descolonização do conhecimento exige não apenas criticar os cânones eurocentrados, mas criar outras condições materiais e simbólicas para que diferentes formas de saber possam florescer. O Dicionário responde a esse desafio ao constituir uma tecnologia social que não apenas narra, mas estrutura o comum, organiza a memória e sustenta práticas de resistência.

Procuramos demonstrar como o Dicionário de Favelas Marielle Franco se configura como uma iniciativa pioneira no campo das infraestruturas tecnológicas decoloniais brasileiras, desafiando o epistemicídio e criando brechas para a emergência de um novo regime de conhecimento, ancorado na autonomia técnica, na pluralidade epistêmica e na justiça cognitiva.

2 Referencial Teórico

2.1 Epistemicídio e colonialidade

O termo epistemicídio foi definido por Boaventura de Souza Santos (2009) como o ato do apagamento de conhecimentos locais - considerados subdesenvolvidos no processo colonizador - em favor de um conhecimento vindo de fora, uma epistemologia dominante que é imposta através de mecanismos políticos, econômicos e mesmo militares. Segundo o autor, vivemos sob uma monocultura do saber, na qual o conhecimento válido é aquele produzido por instituições acadêmicas formalmente reconhecidas, segundo parâmetros metodológicos ocidentais. A proposta de epistemologias do Sul parte da premissa de que há uma diversidade de experiências e racionalidades oprimidas pelo projeto colonial-moderno e busca reconhecer sua legitimidade, incorporando-as à cena do conhecimento não como objeto, mas como sujeito de reflexão.

No mesmo sentido, os Estudos Decoloniais, a partir de autores como Walter D. Mignolo e Aníbal Quijano, denunciam o vínculo indissociável entre modernidade e colonialidade. Quijano (2005) introduz o conceito de colonialidade do poder e do saber para descrever a permanência dos padrões de dominação colonial nas estruturas contemporâneas de conhecimento, economia e subjetividade: "os povos conquistados e dominados foram postos numa situação natural de inferioridade, e conseqüentemente também seus traços fenotípicos, bem como suas descobertas mentais e culturais" (Quijano, 2005).

Já Walter D. Mignolo (2003) enfatiza a colonialidade do saber, ou seja, a imposição de uma epistemologia eurocentrada como critério universal de validação do conhecimento. Para Mignolo, o que se faz necessário é o desenvolvimento de um pensamento de fronteira - uma forma de conhecimento que emerge da intersecção entre racionalidades distintas, rompendo com os binarismos

coloniais entre civilização e barbárie, ciência e cultura, razão e emoção.

Esse pensamento de fronteira, também chamado por Mignolo de pensamento liminar, é precisamente o que o Dicionário de Favelas Marielle Franco evoca: um modo de produção de conhecimento que não se limita à academia nem ao rigor técnico tradicional, mas se ancora nas vivências, memórias e saberes das favelas. Trata-se de dar voz aos saberes subjugados, aqueles silenciados pela episteme dominante, mas que carregam consigo potências de resistência e reconfiguração da ordem do saber. A insurgência epistêmica não é apenas crítica ao saber dominante - ela é também propositiva, articulando novas formas e existência, organização e expressão: “a emancipação com o libertação significa não só o reconhecimento dos subalternos, mas também a erradicação da estrutura de poder que mantém a hegemonia e a subalternidade” (Mignolo, 2003).

Silveira (2021) complementa o raciocínio apontando as exclusões no âmbito tecnológico, propondo que o epistemicídio também se encontra na submissão baseada em alienação técnica, na dependência tecnológica de países do sul global a aparatos técnicos pertencentes a grandes conglomerados de tecnologia usualmente baseados nos Estados Unidos ou Europa. Tendo em vista que uma vez que exista dominação haverá formas de resistir a ela (Albagli, Maciel, 2011), não podendo ser dissociadas, é importante que sejam analisadas formas de contestações e resistências possíveis.

O enfrentamento à colonialidade algorítmica, segundo Silveira, passa pela construção de tecnologias insurgentes - ferramentas técnicas que, além de funcionais, sejam politicamente orientadas para a justiça cognitiva e para a soberania informacional dos povos. A adoção de licenças livres, a opção por plataformas abertas e a valorização de redes descentralizadas são algumas das estratégias que compõem essa tecnopolítica insurgente.

Esse debate se articula diretamente com o conceito de colonialismo de dados, elaborado

por Couldry e Mejias (2021). Para os autores, a nova forma de colonialidade não se limita ao domínio territorial ou à exploração de recursos materiais, mas se estende à captura e exploração dos dados gerados por populações inteiras. As grandes plataformas digitais atuam como impérios informacionais, extraindo valor da vida cotidiana, transformando ações, falas e afetos em ativos comerciais. Esse processo retira das comunidades o controle sobre suas próprias narrativas, seus modos de vida e seus repertórios simbólicos. A resposta a esse colonialismo não pode ser meramente regulatória; ela precisa ser estrutural, envolvendo a criação de novas infraestruturas de dados, sob controle comunitário, orientadas por valores ético-políticos.

O Dicionário de Favelas Marielle Franco, ao instituir um espaço digital onde os dados e os saberes são geridos por e para os sujeitos das favelas, opera como antídoto a esse modelo colonial-informacional. Ele se propõe como uma tecnologia de resistência, não apenas por seu conteúdo, mas por sua forma: sua arquitetura, sua lógica de governança, seus princípios editoriais. O conhecimento, nesse espaço, deixa de ser algo extraído e passa a ser algo cultivado - cultivado coletivamente, com respeito à origem, à autoria e ao território.

Por fim, é necessário destacar que essas disputas epistêmicas não ocorrem em abstrato. Elas estão enraizadas em territórios, corpos e experiências históricas. A favela, nesse sentido, é mais do que um espaço urbano precarizado - é também um território simbólico e afetivo, onde se produzem saberes, se forjam resistências e se constroem comunidades. Como bem pontua Santos (2009), a justiça cognitiva é condição para a justiça social. E a luta por justiça cognitiva passa, necessariamente, pela afirmação dos territórios de saber, como o Dicionário o faz, ao reconhecer e institucionalizar a voz das favelas.

2.2 Apresentação do projeto Dicionário de Favelas Marielle Franco

O objeto de análise é a plataforma Wikifavelas – ou dicionário de Favelas Marielle Franco –,

uma plataforma online voltada para a exaltação do conhecimento periférico, formada por uma equipe acadêmica heterogênea e multidisciplinar, moradores e lideranças de favelas e periferias. A iniciativa, formulada em 2016 através de uma rede colaborativa entre academia e lideranças de favelas e periferias, foi lançado em abril de 2019 pelo Instituto de Comunicação e Informação Científica em Saúde (ICICT-Fiocruz), sendo apoiado pela Fundação Oswaldo Cruz (Fiocruz) e pelo Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq).

O Dicionário de Favelas Marielle Franco constitui-se como resultado da articulação entre moradores de favelas, lideranças comunitárias, coletivos periféricos, pesquisadores e instituições públicas, mobilizados em torno do objetivo comum de romper com a lógica hierárquica da produção de conhecimento. A iniciativa visa ressignificar a posição historicamente atribuída às populações periféricas como meros objetos de estudo, promovendo sua atuação como sujeitos ativos na construção e disseminação de saberes sobre si mesmas. Simultaneamente, o projeto organiza um acervo colaborativo de produções realizadas por, sobre e para as favelas e periferias brasileiras.

As atividades iniciais do projeto, como a elaboração da proposta, formação da equipe e do conselho editorial, definição de normas e protocolos e escolha de softwares, foram iniciadas em 2016. Em 2019, foi lançada a plataforma digital Wikifavelas.com.br, desenvolvida no formato wiki, com base em softwares livres e princípios de colaboração aberta. O objetivo central da plataforma é viabilizar a produção, preservação e circulação de conhecimentos oriundos de territórios periféricos, reafirmando a pluralidade epistêmica presente nessas regiões.

O Dicionário homenageia a vereadora Marielle Franco, nascida e criada no Complexo da Maré, cuja trajetória foi marcada pela defesa dos direitos humanos, com ênfase nos direitos das mulheres negras, da população LGBTQIA+ e dos moradores de favelas. Assassinada em

2018, em um crime político de grande repercussão, sua memória é mantida viva por meio da nomeação do projeto, reafirmando o compromisso com as lutas que ela representava e resistindo à tentativa de silenciamento de sua voz.

A plataforma opera por meio de tecnologias de código aberto, estruturando-se em formato wiki, o que permite a edição colaborativa dos conteúdos, com rastreamento de histórico de alterações, promovendo transparência editorial e integração de múltiplos pontos de vista. O conteúdo deve seguir critérios estabelecidos coletivamente, como a citação de fontes confiáveis e a não utilização de linguagem ofensiva. Dessa forma, o Dicionário se caracteriza pela valorização da pluralidade de perspectivas, com textos autorais que podem, inclusive, expressar divergências e controvérsias.

As unidades de conhecimento da plataforma são denominadas "verbetes", estruturadas em páginas de hipertexto. Tais verbetes consistem em produções autorais sobre temas relacionados às favelas e periferias, podendo assumir múltiplos formatos, como textos, vídeos, fotografias, músicas, relatos orais, poemas, entrevistas e materiais pedagógicos. Essa diversidade de formatos reflete a complexidade e a riqueza dos saberes produzidos nesses territórios. Todo o acervo é de acesso público e construído de forma colaborativa, com vistas a representar uma ampla gama de vozes e experiências historicamente marginalizadas dos espaços tradicionais de produção do conhecimento.

Atualmente, a plataforma conta com mais de 2.300 usuários cadastrados e reúne aproximadamente 2.700 verbetes, organizados em quatro eixos temáticos principais: Estado e Mercado; Sociabilidade e Cultura; Associativismo e Memória; e Saúde. Cada eixo abriga categorias mais específicas, que orientam tanto a navegação quanto a organização dos conteúdos. Os temas abordados são diversos e incluem arte, juventude, educação, saúde, violência, associativismo, economia e a pandemia de COVID-19. Além dessa classificação temática,

os conteúdos são indexados por meio de uma folksonomia – um sistema de palavras-chave elaborado de maneira coletiva –, ampliando as possibilidades de acesso e circulação das informações (Wikifavelas).

O Dicionário organiza-se em diversas frentes de trabalho, cada uma composta por equipes interdisciplinares e de origem diversa. As áreas de atuação incluem: (1) Pesquisa Acadêmica, que promove ciclos de estudos e estimula a produção de investigações voltadas ao acervo; (2) Produção de verbetes, que mobiliza autores como moradores, ativistas e pesquisadores para a elaboração de conteúdos; (3) Tecnologia da Informação e Design, responsável pela infraestrutura digital, arquitetura e usabilidade da plataforma, com base em tecnologias livres; (4) Comunicação e Marketing, voltada à divulgação das ações do projeto e à ampliação de seu alcance; (5) Avaliação e Qualidade, que monitora os conteúdos, assegurando sua conformidade com as diretrizes editoriais e aperfeiçoando os sistemas de classificação e indexação; e (6) Área Pedagógica, que atua na organização de oficinas, grupos de estudo, cursos e formações voltados ao campo da educação (Wikifavelas).

Ao oferecer uma arquitetura digital de autoria compartilhada, o Dicionário de Favelas Marielle Franco afirma-se como uma ferramenta potente de resistência epistêmica, comprometida com a valorização, preservação e circulação dos saberes, memórias, expressões culturais e formas de luta dos grupos historicamente excluídos dos circuitos hegemônicos de produção do conhecimento.

3 Procedimentos Metodológicos

A abordagem é de natureza exploratória e descritiva. O Dicionário de Favelas Marielle Franco, suas potências e desafios. A análise de produções bibliográficas sobre epistemicídio e colonialidade provê evidências sobre a urgência de ferramentas que busquem diversificar as narrativas e trazer à luz formas silenciadas de conhecimento.

Os procedimentos metodológicos aqui adotados pretendem valorizar o Dicionário de

Favelas Marielle Franco não apenas como objeto de estudo, mas como prática viva de insurgência cognitiva. Através da análise documental, do diálogo com a teoria crítica e da observação de suas práticas, buscamos compreender como essa plataforma opera como uma infraestrutura sociotécnica que disputa os sentidos da informação, desafia o epistemicídio e afirma as favelas como territórios legítimos de produção de saberes.

4 Resultados

4.1 Epistemicídio e o apagamento de saberes periféricos

O Dicionário de Favelas Marielle Franco é uma proposta de resposta possível ao epistemicídio que marca a história da produção de conhecimento no Brasil e na América Latina. Como conceituado por Boaventura de Sousa Santos (2009), o epistemicídio é a destruição sistemática de saberes não alinhados aos cânones eurocentrados da ciência moderna. Essa destruição não é apenas simbólica, mas tem implicações concretas na exclusão de sujeitos e territórios do direito de produzir e validar conhecimento.

Historicamente, as favelas foram representadas nos discursos oficiais como espaços de carência, ausência, violência e informalidade, sem reconhecimento da riqueza cultural, intelectual e política que nelas se produz. Essa representação reducionista serviu para justificar políticas de controle, intervenção e silenciamento, marginalizando as experiências vividas nas periferias urbanas. A favela foi, por décadas, objeto de estudo – mas raramente sujeito da enunciação científica. Seu saber foi constantemente mediado, interpretado e traduzido por olhares externos, distantes e, muitas vezes, estigmatizantes.

O apagamento dos saberes periféricos não se dá apenas pela negação da validade desses conhecimentos, mas também pela desqualificação de suas formas e linguagens. A oralidade, a performance, a memória coletiva e os modos de organização comunitária são

frequentemente considerados “não científicos” dentro dos parâmetros acadêmicos tradicionais. Com isso, saberes essenciais à vida nas favelas são sistematicamente invisibilizados - desde os conhecimentos sobre saúde, cuidado e segurança até as epistemologias políticas que informam a luta por direitos e por território.

Nesse contexto, o Dicionário se apresenta como um dispositivo de enfrentamento a essa lógica. Ao acolher múltiplas formas de expressão e de autoria, ele afirma que os saberes periféricos são legítimos e fundamentais. O projeto recusa a mediação verticalizada e assume uma postura política de escuta e de valorização da experiência. Trata-se de uma inversão da hierarquia epistêmica: os saberes que antes eram subalternizados agora ganham centralidade, contribuindo para a construção de uma ciência desde baixo, forjada nas lutas e nos cotidianos das periferias (Santos, 2009; Mignolo, 2003).

Esse processo de revalorização tem implicações práticas e simbólicas. Ao reconhecer as favelas como territórios de pensamento, o Dicionário contribui para o fortalecimento da autoestima coletiva, da memória social e da identidade política dos seus moradores. Mais do que uma plataforma de registro, o projeto atua como espaço de reconfiguração dos sentidos sobre o que é conhecimento, quem o produz e para quem ele serve. Nesse sentido, ele se alinha às propostas decoloniais que defendem a necessidade de refundar as bases do saber, não apenas pela inclusão de vozes subalternizadas, mas pela transformação das estruturas que sustentam sua exclusão (Mignolo, 2003).

Além disso, o epistemicídio está diretamente ligado ao silenciamento das consciências e das narrativas populares. O apagamento não é apenas a não escuta, mas a recusa ativa em reconhecer outras racionalidades como válidas. O Dicionário tensiona essa lógica ao institucionalizar - ainda que fora das instituições formais - um espaço de legitimação do saber periférico. Ao fazer isso, ele rompe com a divisão entre quem pesquisa e quem é

pesquisado, reposicionando as favelas como sujeitos produtores de teoria.

O epistemicídio também se manifesta nas formas hegemônicas de circulação do conhecimento. A centralidade dos periódicos acadêmicos pagos, os idiomas eurocêtricos de publicação, a hierarquização disciplinar e os mecanismos de validação científica são todos dispositivos que perpetuam a exclusão dos saberes não hegemônicos. A resposta do Dicionário a essa lógica está em sua abertura: qualquer pessoa pode contribuir, os conteúdos são publicados em português, e o acesso é livre. Essa ruptura com o “regime de escassez” do conhecimento, como o nomeia Santos (2009), amplia as possibilidades de participação e redistribuição epistêmica.

Por fim, o Dicionário contribui para a construção de uma “ecologia de saberes” (Santos, 2009), na medida em que acolhe a coexistência de múltiplas racionalidades e formas de expressão. Ele se torna uma ferramenta concreta de contra-epistemologia, fazendo frente à monocultura do saber científico moderno. Nesse sentido, sua existência não apenas denuncia o epistemicídio em curso, mas oferece uma alternativa concreta de produção, validação e circulação de conhecimento insurgente, coletivo e situado.

4.2 Tecnologias livres como forma de resistência: o caso do WikiFavelas

A escolha do Dicionário de Favelas Marielle Franco por adotar tecnologias livres e abertas, a exemplo da plataforma WikiFavelas, não é apenas uma decisão técnica, mas uma afirmação política de resistência. Em um contexto global marcado pelo avanço do capitalismo de vigilância e pelo colonialismo de dados, conforme analisado por autores como Couldry e Mejias (2021), a apropriação autônoma da infraestrutura digital se torna uma forma estratégica de defesa epistêmica e informacional.

O WikiFavelas funciona com base em sistemas de software livre, especialmente MediaWiki - a mesma tecnologia utilizada pela Wikipédia.

Essa escolha garante não apenas o acesso gratuito e transparente ao conteúdo, mas também a possibilidade de que a própria comunidade possa modificar, expandir e adaptar a ferramenta conforme suas necessidades. Ao se afastar dos sistemas fechados e proprietários, o projeto se posiciona contra a lógica da privatização da informação e da mercantilização do conhecimento, apostando em uma tecnologia orientada pelo comum, pelo acesso e pela partilha.

A resistência tecnológica promovida pelo Dicionário se dá em múltiplas frentes. Em primeiro lugar, no nível da infraestrutura, ao garantir que os dados e os saberes não sejam capturados por corporações ou governos, mas permaneçam sob controle comunitário. Em segundo lugar, no nível simbólico, ao afirmar que a tecnologia não é neutra nem exclusiva dos centros de poder. Pelo contrário, ela pode e deve ser apropriada por sujeitos periféricos como instrumento de produção de autonomia, soberania e memória. E, em terceiro lugar, no plano pedagógico, ao promover formações técnicas e políticas que ampliam a capacidade de ação informacional das comunidades.

Esse uso insurgente da tecnologia revela uma concepção de técnica como território de disputa - uma visão que se aproxima da proposta de Sérgio Amadeu da Silveira (2021), ao defender a construção de inteligências periféricas coletivas. A plataforma WikiFavelas não apenas organiza dados sobre favelas, mas cria condições para que os próprios moradores se reconheçam como produtores de conhecimento, como usuários críticos das ferramentas digitais e como guardiões de suas próprias narrativas.

Além disso, a adoção de uma tecnologia colaborativa e transparente como o MediaWiki fortalece os princípios da autogestão e da governança compartilhada. A possibilidade de acesso ao histórico de edições e às discussões internas entre editores revela uma camada de reflexividade e autocrítica constante, estimulando o engajamento responsável e o compromisso coletivo com a qualidade e representatividade do conteúdo. O código

aberto também possibilita que outras iniciativas periféricas possam replicar o modelo, adaptando-o a suas realidades e territórios.

A dimensão educativa do uso dessas tecnologias também merece destaque. O Dicionário promove oficinas e encontros nos quais moradores e ativistas aprendem não só a editar conteúdos na plataforma, mas a refletir criticamente sobre a informação, sua circulação e os regimes de verdade que a atravessam. Trata-se de um processo de formação técnica profundamente politizado, que capacita sujeitos para operar em uma ecologia midiática marcada por assimetrias de poder, desinformação e apagamentos sistemáticos.

Outro aspecto relevante é a forma como a plataforma se insere em um ecossistema mais amplo de ativismo digital e tecnopolítica periférica. O WikiFavelas dialoga com outras experiências de tecnologia social desenvolvidas nas margens - como mapeamentos comunitários, rádios livres, redes de comunicação popular e repositórios autônomos. Esse entrelaçamento de experiências reforça a ideia de que a produção tecnológica não precisa estar centralizada em polos industriais ou acadêmicos, mas pode emergir de forma criativa e potente a partir das urgências locais.

Assim, ao construir uma infraestrutura de software livre voltada para a produção e circulação de saberes periféricos, o Dicionário de Favelas Marielle Franco inscreve-se em uma genealogia de tecnologias contra-hegemônicas. Ele afirma que as ferramentas digitais podem e devem ser moldadas pelos interesses das comunidades e que o controle sobre as condições técnicas da produção de conhecimento é parte indissociável da luta por justiça cognitiva.

Ao oferecer uma arquitetura digital de autoria compartilhada, o WikiFavelas afirma-se como uma ferramenta potente de resistência epistêmica, comprometida com a valorização, preservação e circulação dos saberes, memórias, expressões culturais e formas de

luta dos grupos historicamente excluídos dos circuitos hegemônicos de produção do conhecimento.

5 Considerações Parciais ou Finais

O Dicionário de Favelas Marielle Franco, ao longo deste trabalho, foi apresentado como uma proposta concreta de resistência epistêmica, construindo uma alternativa ao modelo dominante de produção, validação e circulação de saberes. Ao se posicionar como um espaço coletivo, tecnicamente autônomo e politicamente enraizado nos territórios periféricos, o projeto afirma a possibilidade de outro paradigma de conhecimento, sustentado pela horizontalidade, pelo reconhecimento das epistemologias subalternas e pelo uso estratégico de tecnologias livres.

A articulação entre memória, tecnologia e práticas decoloniais não é um efeito colateral da iniciativa, mas seu núcleo político e epistemológico. A partir de uma infraestrutura digital própria, o Dicionário não apenas coleta e publica informações sobre as favelas, mas transforma as próprias condições de possibilidade do saber. Ele rompe com a lógica da externalidade - em que o pesquisador fala sobre o outro - e propõe uma política da autoria e da legitimidade enunciativa: quem vive o território também o pensa, o narra e o teoriza.

Nesse sentido, o Dicionário atua como um contra-dispositivo em meio ao regime informacional hegemônico. Ele tensiona as fronteiras entre ciência e ativismo, entre tecnologia e política, entre memória e dados. Ao assumir uma plataforma digital baseada em software livre e construída coletivamente, o projeto antecipa formas de governança do conhecimento que não estão subordinadas às lógicas do capital, do Estado ou da academia tradicional. Em vez disso, aposta na inteligência coletiva, na solidariedade entre territórios e na tecnopolítica como campo de disputa.

A reflexão proposta neste trabalho indica que a resistência epistêmica não pode se limitar à crítica das estruturas opressoras. É necessário construir infraestruturas próprias, instituir linguagens novas, experimentar formas

alternativas de organização do saber. O Dicionário, ao institucionalizar a escuta e a partilha, ao acolher a multiplicidade de formatos e sujeitos, opera como um laboratório prático da ecologia de saberes proposta por Santos (2009).

Contribuições como essa são fundamentais para reposicionar as periferias urbanas não como lugares da carência, mas como espaços vivos de produção de conhecimento, de invenção estética, de resistência cotidiana e de futuro. O Dicionário não se limita a registrar o que já foi dito, mas cria condições para que novas vozes surjam, se articulem e transformem as formas de saber e de existir. É, portanto, mais do que um repositório: é uma prática insurgente de ciência, de memória e de reinvenção do comum.

Finaliza-se, assim, com o reconhecimento de que o Dicionário de Favelas Marielle Franco representa uma das experiências mais potentes de retomada da soberania epistêmica por parte dos sujeitos historicamente silenciados. Sua continuidade, expansão e replicabilidade são não apenas desejáveis, mas estratégicas para a construção de um campo científico mais plural, democrático e comprometido com a justiça cognitiva.

6. Referências

- Albagli, S., & Maciel, M. L. (2011). Informação, poder e política: A partir do Sul, para além do Sul. In M. L. Maciel & S. Albagli (Orgs.), *Informação, conhecimento e poder: Mudança tecnológica e inovação social* (pp. 9–41). Garamond.
- Couldry, N., & Mejias, U. A. (2021). The decolonial turn in data and technology research: What is at stake and where is it heading? *Information, Communication & Society*, 26(4).
- Gomes, S. R., & Tavares, M. (2018). Multiculturalismo, interculturalismo e decolonialidade: Prolegômenos a uma pedagogia decolonial. *Dialogia*, (29), 47–68. <https://periodicos.uninove.br/dialogia/article/view/8646>
- Mignolo, W. D. (2003). *Histórias locais/projetos globais: Colonialidade, saberes subalternos e pensamento liminar*. Editora Humanitas.

Quijano, A. (2005) Colonialidade do poder, eurocentrismo e América Latina. In: Lander, E. (org.). A colonialidade do saber: eurocentrismo e ciências sociais: Perspectivas latino-americanas. Buenos Aires: Colección Sur Sur.

Santos, B. de S. (2009). Introdução: Para ampliar o cânone da ciência – A diversidade epistemológica do mundo. In B. de S. Santos (Org.), Epistemologias do Sul (pp. 9–20). Edições Almedina.

Silveira, S. A. da (2021). A hipótese do colonialismo de dados e o neoliberalismo. Em Cassino, J.F.; Souza, J.; Silveira, S. A. da (Orgs.), Colonialismo de dados (pp. 33-52). Autonomia literária.

Wikifavelas. (2019). Dicionário de Favelas Marielle Franco. Fiocruz/ICICT.
<https://wikifavelas.com.br> Dicionário de Favelas Marielle Franco. (s.d.). Home.
Recuperado em 07 de maio de 2025, de <https://wikifavelas.com.br>